[Recensão a] Maria José de Lancastre, Con un sogno nel bagaglio. Un viaggio di Pirandello in Portogallo

Autor(es): Sismondini, Alberto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42663>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_2_25

Accessed : 26-Apr-2023 15:07:08

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 2

que ocupa um número de páginas não irrelevante. Foram estas as dificuldades, que não são de somenos, que Jorge Vaz de Carvalho enfrentou. Optou por uma modalidade translativa segura, acompanhando o original italiano de forma próxima e precisa. O trabalho de tradução brilha na fluidez com que é dada a palavra a Vico. A concatenação entre períodos, estruturas sintácticas e formulações lexicais reflecte o andamento do texto italiano. A tradução dirige-se a destinatários com interesses culturais muito específicos. Ora, essa veste linguística põe à disposição do leitor português uma versão que leva consigo marcas de formas de organização discursiva e lucubrativa dotadas de forte identidade, trazendo para o nosso tempo os conotados históricos próprios da linguagem de Vico. A fidelidade aos níveis sintáctico e lexical reverte a favor da exactidão e da clareza da terminologia utilizada, dado que se recorre ao vocabulário do pensamento conceptual.

Esse equilíbrio pressupõe a ponderada renúncia a uma proliferação de recursos que seria desadequada, além do mais, ao seu enquadramento pragmático.

A terminologia utilizada revitaliza, não raro, estratos da língua portuguesa que se encontravam adormecidos. Servem-lhe de contraponto os desvios a essa linha de orientação que se mostram estritamente necessários, quando a correspondente translativa próxima prejudica a inteligibilidade da frase. Se um vocábulo italiano não tem correspondente directo em português, as primeiras escolhas incidem sobre palavras formadas a partir do mesmo étimo. Se a ordem dos elementos frásicos pode prejudicar a compreensão, é sujeita a alterações adequadas.

Consagra o mérito desta *Ciência nova* o *Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa* que lhe foi atribuído pela União Latina e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na sua XIV edição, de 2006. RITA MARNOTO

Maria José de Lancastre, *Con un sogno nel bagaglio. Un viaggio di Pirandello in Portogallo*, Palermo, Sellerio, 2006, 195 pp.

Por iniciativa de uma jovem e dinâmica editora da capital da Sicília, acaba de ser publicada

uma singular homenagem a uma personalidade, natural daquela ilha, que foi simultaneamente uma das maiores figuras do século XX. A autora deste trabalho é Maria José de Lancastre, que lembra um evento quase esquecido da vida do artista de Agrigento, a sua participação no *V Congresso Internacional da Crítica*, um congresso itinerante que decorreu em Setembro de 1931, em vários locais de Portugal, e em cujo âmbito se inseriu a estreia mundial de *Sogno, ma forse no*. A investigadora reconstrói as circunstâncias em que foi organizado e desvenda ao público italiano o significado que assumiu para os seus protagonistas e para o país, considerando o contexto histórico em que esse acontecimento ocorreu: um Portugal nos caminhos do Estado Novo; um António Ferro a afirmar a sua própria imagem de organizador cultural, em vésperas da sua definitiva adesão política a António de Oliveira Salazar; críticos estrangeiros e artistas, entre os quais Darius Milhaud, que apelam à liberdade de expressão; a independência da sua crítica, enquanto dançam nos *palaces* do Estoril e da Curia, ignorando a iminência da tragédia a

pairar sobre a Europa... ou talvez não, se o olhar da autora sugere a imagem de “un messaggio nella bottiglia, (magari subliminale)” (p. 43), a respeito das deliberações dos participantes. Não é, portanto, casualmente, que são continuamente evocadas por Lancastre as atmosferas decadentes de Francis Scott Fitzgerald, assimilando-lhes a figura de António Ferro. O futuro director do Secretariado de Propaganda Nacional aparece como um intelectual de qualidade que optou por se tornar um corifeu do poder. Para corroborar esta perspectiva, é citado o episódio do acidente de Afonso Costa, que gerou a polémica carta de Álvaro de Campos dirigida a *A Capital* e a indignação geral contra o grupo de *Orpheu*, com o comentário: “Ma nel luglio di quello stesso anno il *balocco* si ribella e al contempo si rivela. Ferro coglie l’occasione di una lettera beffarda che Fernando Pessoa, firmandosi Álvaro de Campos, invia a un giornale a proposito di un infelice incidente capitato al presidente del Consiglio (il socialista Afonso Costa) per prendere pubblicamente le distanze dai suoi amici” (p. 56). O rigor histórico relembra-nos

que não foi apenas António Ferro a rejeitar a acção de Pessoa, tendo-se-lhe também juntado Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros (cf. Nuno Júdice, *A era do "Orpheu"*, Lisboa, Teorema, s.d., pp. 112-113).

Sogno, ma forse no é obra conhecida pelos leitores de Antonio Tabucchi, erigindo-se a passagem por Lisboa do autor siciliano, para presenciar essa encenação, em ocasião que propiciou *Il Signor Pirandello è desiderato al telefono*, uma das peças dos *Dialoghi mancati*, apresentando Pessoa em conversa imaginária com o próprio Pirandello. A imbricação entre sonho e realidade é tema contíguo entre os dois artistas e por isso Maria José de Lancastre perfila uma comparação entre a peça pirandelliana e o *Marinheiro* pessoano.

Se o encontro entre dois protagonistas absolutos do Modernismo nunca teve lugar, a organização do congresso mobilizou todos os expoentes da intelectualidade lusitana, permitindo a vários jovens criadores cruzarem-se com o ilustre académico italiano: Pirandello e os críticos convidados apreciaram positivamente *Douro, faina fluvial*, filme

de estreia de Manoel de Oliveira, enquanto era vaiado pelos jornalistas locais. Emblemática a reacção de Pirandello, relatada por Carlos Queirós: "Ah, ho capito, i soliti idioti!" (p. 69). O próprio Queirós, nessa altura jovem jornalista, consegue uma breve entrevista com o escritor que corresponde, de facto, a uma troca de impressões sobre o panorama artístico europeu contemporâneo. O crítico Eduardo Scarlatti, o arquitecto e cineasta Cottinelli Telmo, que desenhou o cenário de *Sogno*, os actores Amélia Rey Colaço (julgada como "muito boa" pelo *Maestro*) e Samwell Diniz, são só alguns dos nomes que participaram da realização desta solenidade cultural.

Uma parte do livro é consagrada à adaptação de *Sogno* para a cena portuguesa e a uma panorâmica sobre a recepção da obra de Pirandello em Portugal, evidenciando, por exemplo, que, paradoxalmente, a censura de *Seis personagens à procura de autor* tenha sido determinada pelo SNI, organismo constituído pelo próprio Ferro. A tradução de um ensaio de José Régio, inédito em Itália, faz ressaltar o papel de mediação cultural operado pelo grupo da

revista *Presença*, tentando iludir as tendências isolacionistas do Estado Novo.

O trabalho de Maria José de Lancastre, *last but not least*, apresenta uma visão de Portugal que é focada através de múltiplos olhares, o dos críticos (Huysmans), o dos artistas (Milhaud e Fernand Gregh) e, finalmente, o de Pirandello, numa perspectiva imagológica rica pelo valor de descoberta de uma era em que as relações culturais luso-italianas eram bem mais escassas do que nos dias de hoje. ALBERTO SIMONDI

José António Gonçalves, *Rente aos olhos / Rasente gli occhi*, traduzioni di Silvana Urzini e Carlos Martins, Napoli, Liguori Editore, 2006, X+147 pp. [col. Lusitana Italica]

José António Gonçalves (1954-2005), que preparou esta antologia e ainda dialogou com os tradutores, tinha em Itália relações amigas e admiradores da sua lírica que poderiam significar a via real para um reconhecimento no Portugal aquém-Atlântico. Ele fora, já, a alma da antologia organizada por Giampaolo To-

nini, *Poeti Contemporanei dell'Isola di Madera* (Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 2001), e a sua inclusão em *Crónica Jornalística. Século XX* (Círculo de Leitores, 2004), de Fernando Venâncio, significava a aceitação, em Lisboa, de uma faceta de antigo jornalista e cronista continuado, qualidade em que se estreia (*Rêstea de qualquer coisa*, Funchal, 1973), no mesmo ano em que também inaugura uma vintena de participações em coletivos de poesia, que maioritariamente organiza, tornando-se o principal recolector e divulgador de seus pares na ilha. Com mais proventos na filmografia que assinou (1978-1994) e na Imprensa escrita, ficará, todavia, o conjunto de 18 títulos de poemas (1974-2004) em nome próprio – incluindo *Tem o Poder da Água. Obra Poética (1973-1995)*, 1996, que prefaciámos –, a que se acrescenta, doravante, esta segunda antologia, com, nos 41 éditos, a décima parte (ou menos) de produção infelizmente pouco conhecido.

Os nove inéditos (e outros ficaram de fora) denunciam dúvidas sobre um caminho tão disseminado e tenteios sobre o rumo